

## ▼ CONFLITO (1)

## Índios tomam dirigentes como reféns

*Kaingangues fixaram o prazo de duas semanas ao Incra para que os colonos sejam transferidos para outra área a fim de solucionar o problema*

**PAULO ÉDSON PAIM**

Seara

A promessa kaingangue de não esperar até o final do ano para solucionar o problema do Toldo do Pinhal foi cumprida. Às 9h30min de ontem, eles tomaram como reféns o coordenador regional do Incra, Euclides Basso, e o administrador regional da Funai, Ademir Migliavaca. Cansados de aguardar por uma solução do Poder Público para o impasse em relação às terras do Pinhal, os índios prometem liberar os dois dirigentes somente com a presença do presidente da Funai ou do Incra. Eles querem garantir uma solução imediata para a retirada das famílias de agricultores da terra, reconhecida pelo governo como área dos índios.

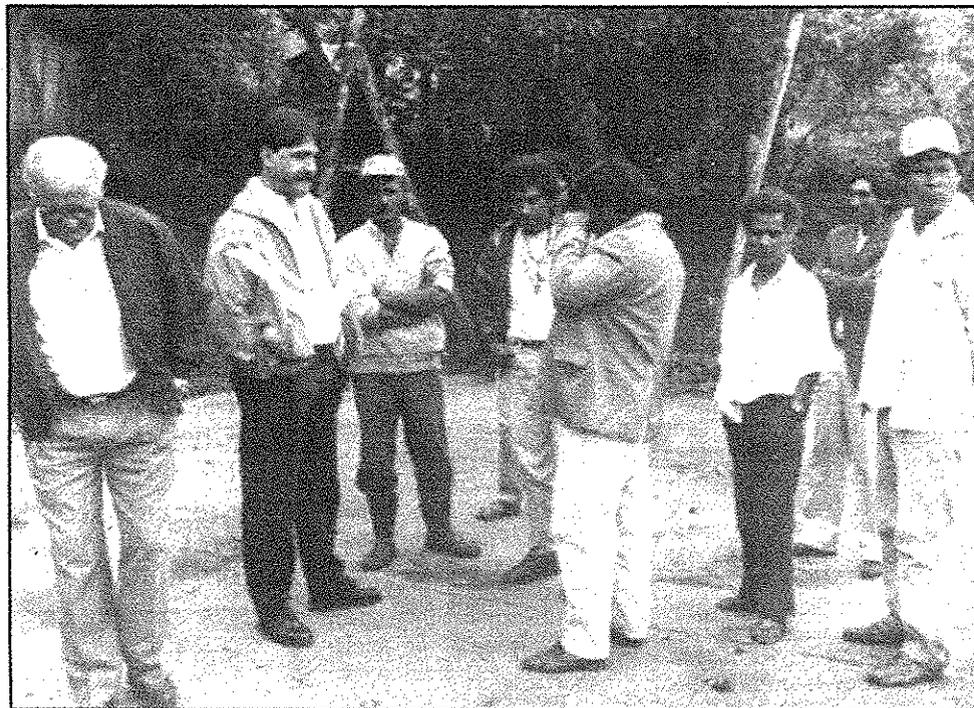
Ao meio-dia, quatro PMs de Seara estiveram no acampamento na localidade de Nova Teotônia, onde estão os nativos e os dois reféns. "Aqui está tudo bem", disse sinteticamente o cacique da tribo, João

Gonçalves Myn. "Será que está bem mesmo?", perguntou o comandante Eli Sordi.

"O Basso e Migliavaca vão ficar aqui, tomar o café e descansar, mas só sairão quando a gente quiser", disse Gonçalves. "Não vamos machucar ninguém, a não ser que machuquem os índios", disse o cacique. "Nós só queremos limpar a terra e de um jeito ou de outro vamos fazer isso", concluiu.

**REFORÇO** -No início da tarde, dois ônibus com índios do Rio Grande do Sul chegaram ao Toldo para apoiar o ato liderado por Gonçalves. Um ônibus foi barrado pelos policiais militares em uma das entradas do acampamento. Os índios desceram e percorreram 10 quilômetros a pé, levando roupas, cobertores, arcos e flechas. "Se precisar, reunimos três ou quatro mil índios aqui", disse um cacique gaúcho. Euclides Basso aparentava calma, apesar de estar fumando com frequência. "Eu entendo a pressão deles,

## Tensão



TELEFOTO IRINEU DALLA VALLE/DC/Seara

*Diretores do Incra e Funai em poder dos kaingangues no Toldo do Pinhal*

mas espero sair logo daqui", disse. Migliavaca falava menos. "Queremos dizer para a nossa família que estamos bem", resumiu. Ontem à noite os índios decidiram deixar os reféns incommunicáveis.

A PM está com as entradas do Toldo fechadas para impedir a chegada de mais

índios. Os agricultores estão alertas e bastante preocupados. Os índios ameaçaram pôr fogo nas propriedades para forçar a saída dos colonos. No final da tarde, divulgaram uma nota exigindo solução do Ministério da Justiça e dando prazo de uma semana para que os colonos recebam

o dinheiro da indenização e mais sete dias para que sejam reassentados em outras terras. "Qualquer tipo de tragédia que acontecer é de responsabilidade da Funai, Incra e do governo brasileiro, que tiveram muito tempo para resolver estes problemas e nada fizeram", ameaça o documento.

## O CASO

O Toldo do Pinhal se transformou nos últimos dois anos em uma panela de pressão prestes a explodir a qualquer momento. Em 1994, o governo federal reconheceu por decreto a área de 894 hectares como de propriedade dos índios. Na terra vivem 41 famílias de agricultores proprietários e mais 15 arrendatários. Eles precisam ser reassentados e receber indenizações pelas benfeitorias. Na Funai e no orçamento da União há verbas para as indenizações.

O Incra se propôs a reassentar os colonos. Mas as áreas oferecidas até agora não foram aceitas pelos agricultores, que estão divididos. Uns aceitam uma nova terra. Outros, só saem recebendo em dinheiro tudo a que têm direito; e uma minoria nem cogita a possibilidade de sair. Como estão morando muito próximos, índios e colonos têm trocado ameaças e provocações. Se até o final do ano não houver acordo, as verbas destinadas voltam para a União e o encaminhamento do problema volta à estaca zero.

■ SEGUIE ▶